

HISTÓRIA ORAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Educação, Linguagem e Memória

Bruna Xavier de Souza

Introdução

O presente texto tem como objetivo refletir sobre a utilização da História oral como uma, dentre outras, ferramentas didáticas possíveis para o ensino de História.

Este trabalho teve início durante a disciplina de Estágio II do curso de História da UNESC, orientada pela professora Me. Michele Gonçalves Cardoso, no 1º semestre, referente ao ano de 2014. O objetivo do projeto era evidenciar, através de leituras e entrevistas o Continente Africano e sua diversidade de culturas, valorizando e reconhecendo esta cultura na contemporaneidade, desmistificando alguns estereótipos reproduzidos pela sociedade.

Sabendo que os educandos e principalmente os educadores devem estar em constante aprendizagem, buscou-se trazer para sala de aula uma África diferente, contada pelos seus próprios personagens.

Aproveitando as migrações recentes que nossa cidade está recebendo, foi possível trazer para sala de aula, um grupo de jovens acadêmicas de Angola, para serem entrevistadas pelos educandos da Instituição de Ensino E.M.E.I.E.F Professora Lili Coelho, localizado no Bairro Santa Luzia – Criciúma – SC.

Para que isto fosse possível, foram trabalhadas as seguintes temáticas: “África como berço da Civilização”, “Os povos Africanos” e ainda a chegada dos Europeus e o processo de escravidão.

História Oral e a História

A partir do momento em que se começou a pensar a História como ciência, pesquisadores do mundo inteiro, se engajaram na busca por provas concretas de como isto aconteceria. Desde então, alguns historiadores como

Tomas Kuhn, Thompson, Jan Vansina e outros, numa visão mais tradicional, construíam a História através da produção de documentos, livros, manifestações artísticas, dentre outros.

Pode-se dizer que neste período que a História se “faz”, juntamente com algumas correntes de pensamento do período como a do Positivismo, tendo como corrente a História vista de cima, marcada pelos grandes acontecimentos, heróis e principalmente pelas questões políticas.

Alguns destes nomes contribuíram para isto, como: Auguste Comte, na Filosofia; Émile Durkheim, na Sociologia; Fustel de Coulanges, na História, entre outros, contribuíram para fazer do Positivismo um posicionamento poderoso no século XIX.

De alguma forma, todos estes intelectuais e pesquisadores, contribuíram para a História, seja numa visão mais tradicional, possibilitando instrumentos de pesquisas e condições para desenvolver o que chamamos hoje de Nova História, que inicialmente, se deu através da Escola dos Annales, tornando a disciplina reconhecida mundialmente.

A Nova História tem como compreensão, segundo Peter Burke “os historiadores tradicionais pensam na História como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova História está mais preocupada com a análise das estruturas”.

A partir de então se começou a pensar uma História diferente, em vários lugares do mundo, trazendo como colaboradores Lucien Febvre, March Bloch, Fernand Braudel (Escola dos Annales), Lewis Namier (Grã-Bretanha) dentre outros países que aderiram.

Assim, a Nova História, ao invés de vangloriar acontecimentos e destacar “grandes nomes”, buscou analisar outros fatos e grupos que foram esquecidos por esta História Emblemática, dos possuidores de grandes riquezas, heróis e de fatos.

O grande problema é que os indivíduos que ajudaram a construir esta História foram apagados destes registros, levando a Nova História a buscar novos métodos de pesquisa. Entre eles podemos destacar a História Oral, trazendo discussões sobre como esta nova ferramenta de pesquisa poderia contribuir para o campo da História.

Alguns historiadores irão trazer debates como Paul Thompson defendendo a história oral como fonte histórica e Jan Vansina (historiador da África) que dizia que se não houver fontes escritas a história oral terá que suportar o peso, mas caso só tenha ela por si só, terá um grau de baixa confiabilidade (Burke,1992)

Para que exista um grau de confiabilidade, foram criados métodos de como trabalhar com a fonte oral, para isto faz-se a reflexão de (BURKE, 1992) “Os historiadores da cultura popular estão cada vez mais preocupados em descrever e analisar as mudanças das relações entre o erudito e o popular”.

Tornando a História Oral uma ferramenta de pesquisa dentro da História, tornando possível, estudos sobre as minorias, como: mulheres, trabalhadores, crianças, já que fontes são escassas dentro desta perspectiva de estudo.

A história oral e o Continente Africano

Nos dias de hoje, o senso comum apresenta o Continente Africano como um lugar no mundo onde só existem animais selvagens, guerras, pobreza, sujeira e indivíduos com doenças graves, como a AIDS.

Um olhar preconceituoso, sobre povos que como o nosso tem muito para compartilhar de sua História, como costumes, religiões, economia, política, linguagem...

Analisando os livros didáticos, é visível a falta de conteúdo e fontes sobre o tema, como é possível um grande continente ser resumido em 10 páginas? (com uma história de longa duração) E, além disso, o modo como é descrito é de forma Eurocêntrica, dando ênfase ao negro escravo e subjugado e espoliado por outros povos.

E para desconstruir estas ideologias que nos rodeiam ainda hoje, é preciso conhecer está África e buscar em diferentes fontes históricas, inclusive a sua, a história pouco evidenciada nos livros didáticos. É preciso questionar por que um território tão amplo e diverso de culturas é visado como uma sociedade sem História, sendo que os primeiros vestígios de vida foram encontrados lá, como evidencia a arqueologia.

É então neste contexto que a História Oral juntamente com a Arqueologia é inserida, pois o Continente Africano diferente das sociedades europeias, não fazia o uso da escrita para registrar sua História.

Seus acontecimentos eram registrados além dos livros, através de memórias dos antepassados, sendo assim ela seria uma das beneficiadas pela corrente histórica da Nova História, que visava trabalhar com a História vista de baixo, que como as mulheres, os negros também foram esquecidos dos grandes acontecimentos, como exemplo, na sua utilização como mão de obra escrava para a formação do Brasil.

Para o africano, como cita (A. HAMPATÉ BÂ,2003)“ a palavra falada se empossava, além de uma valor moral fundamental, de uma caráter sagrado vinculado á sua origem divina e ás forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de ‘forças etéreas’, não era utilizada sem prudência.

Para estes povos, a palavra não era só mais uma, e sim algo sagrado envolvendo rituais e simbologias, tendo como grande percussor os *Griots*, os contadores de Histórias de cada tribo africana, um cargo que exigia grande responsabilidade e espiritualidade.

Mas por que deixar para trás esta História? Qual seria a justificativa para isto? Deste modo, temos que buscar informações, fontes históricas e o mais importante, entender este passado tão presente hoje.

A partir das entrevistas realizadas com as jovens angolanas foi possível desmistificar algumas ideias desenvolvidas ao longo do tempo sobre o Continente Africano como: lugar de pessoas pobres, selva, sem acesso as tecnologias, doenças, “escravos”, etc...

Figura 1



Fonte: Acervo Bruna Xavier de Souza (06/06/2014)

Para desconstruir esta imagem do Continente Africano, as Angolanas evidenciavam em suas falas, que tinham muito orgulho de seu povo, que onde moravam havia tecnologia, crianças, universidades, *Shopping Centers*, como no Brasil, e que se sentiam em casa.

Pode-se perceber a curiosidade dos jovens, tudo foi gravado em vídeo e como de costume em Entrevista como fonte oral, foi realizado um Roteiro com todas as perguntas que foram feitas no dia, partindo da curiosidade dos educandos e da mediação da acadêmica nas aulas sobre o Continente Africano.

Refletindo sobre as aulas e a contribuição das Angolanas como uma das fontes para trabalhar o Ensino de História, foi possível trazer para nossa realidade uma África rica em diversidade de povos e culturas.

Considerações Finais

O papel do Historiador e do educador, é semelhante a de um investigador em constante aprendizagem, neste período que pude trabalhar com a temática do Continente Africano, percebi que a História Oral como outras ferramentas podem sim fazer parte do ofício, levando em consideração, claro, as metodologias a serem utilizadas para isto e o objetivo da pesquisa.

A história oral foi um instrumento democrático, a partir desta, podemos perceber outros grupos da sociedade que foram apagados ao longo do tempo.

Aprendendo e vivenciando em sala de aula e no cotidiano da cidade, que hoje recebe imigrantes Africanos, (como as acadêmicas Angolanas) e demais Continentes, pude perceber o grau de importância ao aprofundar o Continente Africano com os educandos, pois é preciso refletir nestes ambientes, a temática, para desconstrução de alguns discursos enraizados em nossa sociedade.

Conhecendo um pouco de Angola e de como suas relações sociais são construídas, os educandos puderam ter um novo olhar sobre a temática, desmistificando alguns pré – conceitos, e refletindo sobre, relacionando estas práticas sociais e entendo como este processo de imigração vem ocorrendo na cidade de Criciúma.

Referências

BURKE, Peter. **A escrita na História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. 26,36p;

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Campus, 2004. 187p;

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África anterior aos descobrimentos: idade moderna I**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1985. 183 p;

HAMPÂTÉ, Bâ Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003. 182p;

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea**. Belo Horizonte: Selo Negro, 2005;

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. 3. ed. rev. e atual Mira-Sintra: Europa-América, 1999. 452 p;